

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS**

**DIADORIM, NHORINHÁ E OTACÍLIA**  
**O feminino em *Grande Sertão: Veredas***

**Cristiane da Silva Alves**

**Porto Alegre  
Dezembro/2008**

CRISTIANE DA SILVA ALVES

**DIADORIM, NHORINHÁ E OTACÍLIA**  
**O feminino em *Grande Sertão: Veredas***

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do  
título de Licenciado em Letras.

Orientadora:  
Profª Drª Elisabete Carvalho Peiruque

Porto Alegre  
Dezembro/2008

## AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais, cujo suporte permitiu que eu me dedicasse àquilo que amo e acredito, e cujos ensinamentos me deram caráter, ética e a fibra necessária para realizar meus projetos.

À minha orientadora, professora Elisabete Carvalho Peiruque, pela paciência, amizade e contribuições significativas para a elaboração desse trabalho, permitindo que a curiosidade e a paixão se transformassem em uma chance de aprendizado como estudante e como pessoa.

Ao professor Antônio Sanseverino, que foi quem primeiro me conduziu nessa *travessia* pela obra de Guimarães Rosa, quando ministrou a disciplina de Literatura Brasileira D, e cuja dedicação e simplicidade merecem deferência.

À professora Sandra Maggio, pelo comprometimento e pelo sorriso sempre amigo e motivador com que recebe os alunos, fazendo com que acreditemos que somos bons e capazes, mesmo quando a fadiga nos leva a duvidar.

A todos os outros professores, igualmente dedicados, que contribuíram para eu aprimorar os meus conhecimentos e tornaram meus dias mais interessantes.

Aos colegas e amigos com quem partilhei bons e maus momentos, em especial às colegas Priscila e Suzana, com quem realizei meus estágios, e ao colega Tiago que, pacientemente (ou não) ouviu nossas histórias de sala de aula, nem sempre interessantes – eu reconheço.

Finalmente, mas não menos importante, um especial agradecimento à minha irmã Luciane que, apesar de ser a caçula, me deu muitos conselhos dignos de irmã mais velha.

*“Cada homem tem seu lugar no mundo e no tempo que lhe é concedido. Sua tarefa nunca é maior que sua capacidade para poder cumpri-la. Ela consiste em preencher seu lugar, em servir à verdade e aos homens”.*

*Guimarães Rosa*

## RESUMO

No sertão criado por Rosa, dominado pelos homens e pelos valores masculinos, parece difícil vislumbrar um lugar para as mulheres e para o desenvolvimento do princípio feminino. O objetivo do presente trabalho é analisar em *Grande Sertão: Veredas* a relação entre homens e mulheres, focando as personagens femininas, mais precisamente as que compõem a tríade do amor riobaldiano, com suas semelhanças e diferenças, tentando, assim, desvendar, ao menos em parte, os símbolos e as metáforas rosianas para, finalmente, vislumbrar o papel das mulheres na obra e a sua influência na trajetória do personagem Riobaldo.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Grande Sertão: Veredas* – amor - mulheres

## **ABSTRACT**

In the hinterland created by Rosa, dominated by men and male values, it is hard to guess a place to women and to female principle. The aim of this work is analyze in *Grande Sertão: Veredas* the relationship between men and women, focused on female characters, mainly on Riobaldo's three love affairs, with their similarities and differences, trying to discover, at least in part, the symbols and metaphors from Rosa in order to see the role of the women in the work and their influence on the trajectory of the character Riobaldo.

**KEY WORDS:** *Grande Sertão: Veredas* – love – women

## SUMÁRIO

Resumo .....	05
Abstract .....	06
1 Introdução .....	08
2 O sertão, as mulheres e o jagunço fidalgo.....	10
3 Diadorim – anjo ou demônio?.....	18
4 Nhorinhá – alegria e singeleza .....	29
5 Otacília – ascensão e redenção .....	36
6 Conclusão .....	47
Referências Bibliográficas .....	49

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho principiou em 2005 quando, cursando a disciplina de Literatura Brasileira D, sob a orientação do professor Antônio Sanseverino, foi solicitado que produzíssemos um ensaio, como parte da avaliação final, contemplando um dos tópicos abordados ao longo de nossos estudos acerca de *Grande Sertão: Veredas*. Entre as propostas sugeridas pelo professor, escolhi “Diadorim, Otacília e Nhorinhá: as formas do amor e do desejo”, cuja pesquisa, difícil, foi também instigante e, ao fim e ao cabo, prazerosa. Descobri que as personagens de Rosa, envolventes e misteriosas, escondem todas, ao seu modo, símbolos, metáforas, ambigüidades, enfim, segredos a serem desvendados.

Encantada, ou antes, enfeitiçada, não consegui mais me desprender de *Grande Sertão: Veredas* e fui me embrenhando livro adentro, fui adentrando aquelas trilhas e, de repente, me dei conta que aquele livro – a estória e suas muitas estórias – estava me possuindo. Então, já era tarde. Já não havia o voltar, só o seguir e o ir e ir e... Quanto mais eu descobria, mais eu tinha por descobrir.

Eu já não sabia de mim. O que era mesmo que eu estava buscando? Eu desentendia. E Guimarães, o grande chefe, não estava aqui para explicar (ou estava?). Era eu, o livro e só. O livro... Quantas vezes mais terei de percorrer as trilhas das suas páginas? Do seu mundo de palavras, de sons e cores... Mundão de Deus. Mundão de deuses. Guimarães era um deus ou era um bruxo? Isso é que eu não sabia, era o que eu não saberia nunca. Eu só sabia mesmo era o ler, e nisso fui tomada... O livro me possuiu. O livro me possui.

A minha *travessia*, que se iniciara em 2005, aliada à valiosa e reveladora pesquisa no âmbito da Literatura Medieval, desenvolvida junto ao grupo coordenado pela Professora Elisabete Peiruque, resultou nas páginas que seguem e cujas *veredas* tentarei sucintamente explicar.

Na primeira parte, intitulada “o sertão, as mulheres e o jagunço fidalgo”, analisarei o sertão rosiano, ou seja, o espaço no qual aquelas mulheres, bem como as outras mulheres não abordadas por mim, mas ainda presentes, estão inseridas, em meio à dominação viril dos jagunços e dos senhores de fazenda, e em que praticamente não há espaço para o feminino. Buscarei também analisar a participação das mulheres na promoção e aprimoramento do personagem Riobaldo, conduzindo-o na *travessia* rumo à sua ascensão social e espiritual.

Na segunda parte, nomeada “Diadorim – anjo ou demônio?”, promoverei a reflexão em torno da personagem que, ambígua no seu ser e no seu proceder, desperta em Riobaldo um amor inexplicável e impossível, que irá se apossar do jagunço como um feitiço, um encanto maligno que há de conduzi-lo ao conhecimento, mas também à Queda, e que há de persegui-lo ao longo de toda a *travessia*, sem se converter em entrega, porquanto Diadorim, empenhada na vingança pela morte do pai, concentra apenas o ódio.

Seguindo-se a esta, uma terceira parte, denominada “Nhorinhá – alegria e singeleza”, tratará da prostituta da Aroeirinha cujo contato com Riobaldo, embora breve, marca para sempre a vida do jagunço que, anos mais tarde, entenderá que, para além do gozo físico, era amor o que o breve encontro lhe havia despertado.

Finalmente, a quarta parte, sob o título “Otacília – ascensão e redenção”, abordará o amor puro e idealizado da moça que, por seus atributos físicos e espirituais, acabará por conduzir Riobaldo à ascensão espiritual e material, deixando a sua condição de pobre bastardo, jagunço e pactário, para elevar-se à posição de proprietário, assentado em terras e em paz, devoto e dedicado.

O que o presente trabalho se propõe a realizar, pois, é uma reflexão em torno do feminino, mais precisamente da tríade do amor riobaldiano, com suas semelhanças e diferenças, tentando desvendar, ao menos em parte, os símbolos e as metáforas rosianas para, finalmente, vislumbrar a influência das personagens femininas na trajetória do personagem Riobaldo.

Aqui o trabalho começou.

Aqui, o trabalho começou.

Aqui o trabalho começa.

## O SERTÃO, AS MULHERES E O JAGUNÇO FIDALGO

O sertão rosiano – oriundo das reminiscências do velho Riobaldo – que se desdobra ao longo de grande parte da obra é a síntese de um *reino perdido*, de um mundo à parte, com seus “causos”, aventuras e despropósitos, atravessado por tipos humanos arcaicos e esquecidos.

Arredados da lei, à margem da urbanidade e do racionalismo, desfilam naqueles confins bandos armados a serviço dos *mandantes coronéis*, com a naturalidade de guerreiros remanescentes das novelas de cavalaria, aventurando-se na defesa de seus monarcas e senhores.

A atmosfera reinante naquelas terras hostis, envolvendo a grande massa viril, remete-nos, quase que instantaneamente, às descrições levantadas por teóricos e historiadores acerca da vida na sociedade medieval, para a qual

a pilhagem, a guerra, a caça de homens e animais – todas estas eram necessidades vitais que, devido à estrutura da sociedade, ficavam à vista de todos. E assim, para os fortes e os poderosos, formavam parte dos prazeres da vida. (ELIAS, 1994, p. 191)

Saquear, guerrear e matar, pois, são o fluxo vital que impulsiona aqueles homens sejam eles políticos, fazendeiros, ou simples jagunços. Para uns, o *mandante* dever de obrigação e fidelidade, o seguir e o servir; para outros, o brio, a aventura, o prazer da luta e o *reinante* comando; para todos a guerra e o sangue.

É uma sociedade em que vige a lei da força e da faca, em que Deus e até mesmo o *demo* para tomar parte têm de estar armados, e na qual é praticamente impensável a existência ou a sobrevivência do feminino, embora ali estejam presentes as mulheres – boas/más, doces/amargas, dadas/guardadas, sonhadas/tomadas, mulheres – que nós, do alto da nossa civilidade, costumamos a entender como é que resistiam.

Naquelas terras esquecidas, pedaço de não-mundo, em que vive e governa o homem valente, o *cabra-macho*, o guerreiro, não se verifica, por certo, uma relação igualitária entre homens e mulheres. Ao contrário, o que há é uma relação de domínio, na qual o homem, a força viril controladora do poder, trava batalhas e decide as regras que a coletividade há de seguir.

Não que às mulheres não seja reservado um papel, um lugar naquela sociedade, mas trata-se de função secundária, à margem. Destituídas de poder e força, o que lhes resta é servir ao homem seja ele pai, marido, irmão, filho ou mero jagunço errante a exigir-lhes o corpo.

No sertão de Rosa, como lembra Suzi F. Sperber (1982, p. 94), “a mulher poderá ocupar um só de dois espaços: o espaço doméstico e o mundo”. Assim, desfilam por entre as páginas de *Grande Sertão: Veredas* de um lado, as mulheres da elite – “do espaço doméstico” – guardadas nas fazendas sob controle e vigilância, devidamente protegidas e, de outro, as mulheres de classes sociais mais baixas – mulheres “do mundo” –, que não têm sobre si tão fortemente marcado o peso das convenções sociais e do domínio patriarcal, mas de quem não se pode dizer, todavia, que são completamente livres do jugo masculino.

Enquanto as “mocinhas de fazenda” – Otacília é um exemplo – castas e puras aguardam o casamento, a união legal e sacralizada, através da qual passam da tutela do pai à do marido, as outras mulheres, pertencentes à “plebe sertaneja”, gozam de liberdade, ao menos aparente, para escolher seus parceiros, para satisfazer sua própria vontade como melhor lhes aprouver, mas o que se verifica de fato é que naquele sertão desregrado, em que impera a brutalidade e a barbárie, a liberdade das mulheres constantemente se choca com a vontade dos bandos jagunços que, sem terra e sem lei, cavalgam rumo à danação e à desordem, invadindo, saqueando e servindo-se das mulheres como coisas, atendendo apenas aos próprios instintos.

Muito bem se aplica ao sertão rosiano aquilo que Norbert Elias (1993, p. 78) escreveu acerca da sociedade feudal “onde o homem mandava e a dependência das mulheres era visível e quase irrestrita, nada o obrigava a conter suas pulsões e a impor-lhe controles”, um mundo de machos dominantes e mulheres sujeitas.

O sertão é “um mundo fora dos eixos – universo do gozo perverso e da derrisão das leis e da justiça” (ROSENFELD, 2006, p. 265), no qual as mulheres estão constantemente à mercê dos “desmandos de jagunços” (GSV, p. 60), homens desregrados, animalizados, sem rumo e sem apego. Aqueles homens conheciam o amor? Sabiam mesmo era “de raparigas que tinham sido simples somente; essas senvergonhagens” (GSV, p. 249). Na realidade,

pouco se falava de “amor” na sociedade guerreira. E ficamos até com a impressão de que um homem apaixonado teria parecido ridículo nesse meio de guerreiros. De modo geral, as mulheres eram consideradas inferiores. Havia mulheres em número suficiente e elas serviam para satisfazer as pulsões masculinas nas suas formas mais simples. As mulheres eram dadas ao homem para “sua satisfação e deleite”. [...] O que eles procuravam nas mulheres era o prazer físico e, à parte isso, “difícilmente se encontrava um homem com paciência para aturar a esposa”. (ELIAS, 1993, p. 78)<sup>1</sup>

Em *Grande Sertão: Veredas* o que menos se vislumbra entre os jagunços é algum resquício de amor ou ternura por qualquer mulher, mesmo entre os líderes. Ao contrário, verifica-se é uma espécie de aversão, afastamento ou indiferença pelo feminino, como já notara Kathrin Rosenfield (1992, p. 46):

De um lado, há os jagunços como Hermógenes que, por princípio, não gostam de mulheres – “Eh. Apreceia, não. Só se não gosta...” [...] De outro lado, além desta violenta exclusão e separação entre os jagunços e mulheres, há uma incompatibilidade mais sutil. Nota-se, com efeito, que nenhum dos grandes chefes é jamais representado como chefe de família, como esposo responsável pela vida de mulher e filhos. Todos estes homens aparecem apenas como progenitores de filhos ilegítimos ou secretos, se não é que se destacam como defensores de uma castidade guerreira que desvia todas as forças para o combate. Medeiro Vaz abandona a vida sedentária e queima sua fazenda, Zé Bebelo segue o exemplo de Joãozinho Bem-Bem – o lema “sempre sem mulher e valente em qualquer combate”.

Em meio às sangrentas lutas, entre penosos e infindáveis dias de miséria e privações que se seguiam no decorrer das suas *travessias*, farejavam mulher, é claro, careciam de, apreciavam, mas apenas para o deleite “de olhos e mãos [...], só o trivial do momento” (GSV, p. 115), o se fartar “p’ra o renovame de sua cama ou rede” (GSV, p. 462) somente.

---

<sup>1</sup> A citação de Norbert Elias diz respeito à sociedade feudal, mas, como bem se pode observar, mais uma vez é perfeitamente aplicável à “sociedade jagunça” criada por Guimarães Rosa.

Ressalte-se que naquele contexto era irrelevante a vontade da mulher de se dar ou não. Aqueles homens, quando empenhados na busca de fêmeas, carecentes do gozo e da satisfação carnal, tomavam mesmo à força, arrastavam, estupravam, defloravam, o que fosse. O próprio Riobaldo, que por vezes censura as *bestidades*, também praticou as suas violações, como ele próprio confessa:

A primeira, que foi, bonita moça, eu estava com ela somente. Tanto gritava, que xingava, tanto me mordida, e as unhas tinha. Ao cabo, que pude, a moça – fechados os olhos – não bulia; não fosse o coração dela rebater no meu peito, eu entrevia medo. [...] Mas, depois, num sítio perto da Serra Nova, foi uma outra, a moreninha miúda, e essa se sujeitou fria estendida, para mim ficou de pedras e terra. (GSV, p. 188-189)

Mantendo a ótica do macho sertanejo, não há no seu discurso quaisquer vestígios de culpa ou arrependimento, muito embora ele afirme posteriormente que, salvo os referidos episódios, nunca mais abusou de mulher.

Nesse aspecto, contudo, convém salientar que o que freou os impulsos riobaldianos foi mais um rasgo de vaidade do que de consciência: “Ah, era que nem eu nos medonhos fosse – e, o senhor crê? – a mocinha me agüentava era num rezar, tempos além” (GSV, p. 189). O seu incômodo, pois, não é carregar a culpa pela violência cometida, mas sim o fato de a moça não ter sentido prazer em seus braços, a decepção de não ter a presa rendida e entregue à sedução do “cangaceiro cortês” (PROENÇA, 1991, p. 312).

Entretanto, é de se notar que, apesar de mergulhado naquele universo de *bestidades* e barbáries, Riobaldo vai aos poucos experimentando o estranhamento, o afastamento – “A minha terra era longe dali, no restante do mundo” (GSV, p. 370) – almejando ares mais próximos da civilidade e da cortesia, antevendo a possibilidade de largar a jagunçagem e assentar-se como homem de bem, o que não o impede, todavia, de mimosear seus homens, garantindo-lhes a “diversão”, qual seja, permitindo novas violações a sanar a “sincera precisão de mulher” (GSV, p. 539):

Nesses dias, moderei minha inclinação. Baixei ordens severianas: que todos pudessem se divertir saudavelmente, com as mulheres bem dispostas, não deixando no vai-vigário; mas não obrassem brutalidades com os pais e irmãos e maridos delas, consoante que eles ficassem

cordatos. Estatuto meu era esse. Por que destruir vida, à-toa, à-toa, de homem são trabalhador? (GSV, p. 540).

Riobaldo, com toda a “fidalguia” que lhe é concernente, trata de abrandar a selvageria do bando, estabelece regras de civilidade entre os homens – que tomem a mulher do outro, pois sim, mas com cortesia –, requer acordo entre “cavalheiros”, hospitalidades sertanejas.

Igualmente dá mostras de fidalguia com a neta de Seo Ornelas quando, apesar de titubear por um instante, tentado por sua beleza – “a boniteza dela esteve em minhas carnes” (GSV, p. 472) –, concebendo o assassínio do avô e o abuso da moça, desiste do intento e ensaia elegância:

“Menina, tu há de ter noivo correto, bem apessoado e trabalhador, quando for hora, conforme tu merece e eu rendo praça, que votos faço... Não vou estar por aqui, no dia, para festejar. Mas, em todo tempo, vocês, carecendo, podem mandar chamar minha proteção, que está prometida – igual eu fosse padrinho legítimo em bodas!” (GSV, p. 473).

Contrastando com o ambiente caótico da jagunçagem e da massa reles, a fazenda do Seo Ornelas é um simulacro da corte, do mundo civilizado dos latifundiários, com sua mesa farta, suas mulheres devidamente resguardadas, tudo e todos bem cuidados, imperando a ordem e as boas maneiras; o ambiente quase urbano, citadino, opondo-se à bruteza do sertão sem modos, sem leis, sem ordem, permeado por excessos e selvagerias.

O ambiente doméstico aparece na obra de modo positivo, claro, sereno, distanciado daquele universo negativo e obscuro da jagunçagem, o que remete à relação binária e antagônica entre o Purgatório e o Paraíso, ou até mesmo entre Inferno e Céu que, em *Grande Sertão: Veredas*, contudo, possui uma linha muito tênue – se não inexistente – a separá-los, mas que parece alargar-se naquele momento, como se a fazenda do Seo Ornelas, apartada do desequilíbrio, da trilha de caos que Riobaldo experimentara até então com seus companheiros jagunços, intocada estivesse, envolta em um manto de ordem e proteção, resguardada do mal, e seguindo tranqüilamente a sua rotina de pequenos prazeres e cuidados familiares.

Chegamos, com proceder seguro, e o céu por cima dali estava muito sereno. [...]. As mulheres, na boca do forno fumagando, mexiam com feixes verdes de mariana e vassourinha e carregavam as latas pretas de assar biscoitos. Só aqueles formosos cheiros das quitandas e do forno quente varrido, já confortavam meu estômago. (GSV, p. 468)

O explícito contraste entre um e outro ambiente, entre o mal da jagunçagem e o bem-estar experimentado na fazenda, acaba por atrair a atenção de Riobaldo, encantando-o, levando-o à contemplação e ao respeito, compelindo-o a refrear qualquer impulso bárbaro, como se naquele ambiente “sagrado” quaisquer desregramentos equivalassem à profanação.

[...] não desordeei nem coagi, não dei em nenhuma desbraga. Eu não estava com gosto de aperrear ninguém. E o fazendeiro, senhor dali, de dentro saiu, veio saudar, convidar para a hospedagem, me deu grandes recebimentos. Apreciei a soberania dele, os cabelos brancos, os modos calmos. Bom homem, abalável. Para ele, por nobreza, tirei meu chapéu e conversei com pausas. (GSV, p. 468)

Deslumbrado diante do mundinho ordenado, de *formosos cheiros e grandes recebimentos*, ele começa a perceber a grande faixa que separa os brutos jagunços daqueles que, acomodados em sua “casa-grande”, desfrutam dos mimos das mulheres, de seu cuidado e arrumação, em meio à calma e à nobreza, tudo aquilo que ele não tem e cuja falta chega mesmo a acanhá-lo, determinando o improviso de *tirar o chapéu e conversar com pausas*, ou seja, medindo as palavras para não trair a sua real condição, de homem errante e de conhecimentos parcos.

Se, inicialmente, o ambiente lhe produz um certo acanhamento, logo lhe desperta o gozo e a vontade de pertencer, também ele, àquele ambiente familiar e abastado, repleto de mulheres, circulando e servindo, como se em meio à própria corte estivesse.

Ao tomar lugar naquele mundo regrado, saudado como chefe, alvo de “grandes recebimentos” (GSV, p. 468) pelo soberano Seo Ornelas, Riobaldo antecipa o seu querer e o seu porvir, confortavelmente instalado na cabeceira da mesa, como se desde sempre pertencesse àquele lugar, àquele mundo de patriarcas abastados, com boas mulheres e fiéis “vassalos” a honrar e servir o grande líder. Se as *bestidades* do mundo jagunço lhe causavam estranhamento e repulsa, com os refinamentos da fazenda ele se compraz.

A dona fazendeira era mulher já em idade fora de galas; mas tinham três ou quatro filhas, e outras parentas, casadas ou moças, bem orvalhosas. Aquietei o susto delas, e nenhuma falta de consideração eu não proporcionei nem consenti, mesmo porque meu prazer era estar vendo senhoras e donzelas navegarem assim no meio nosso, garantidas em suas honras e prendas, e com toda cortesia social. (GSV, p. 469)

Não nos esqueçamos que Riobaldo fora criado no ambiente doméstico e feminino da mãe Bigri, cercado pela ordem e pelo acolhimento que emanavam daquela mulher cuja especial brandura e decidida força caminhavam juntas nas rotas do destino de mãe sem amparo – como tantas no sertão –, “abandonada com seu filho a criar” (ROSENFELD, 2006, p.28).

Desde os primeiros passos, pois, Riobaldo, de paternidade ignorada, foi sempre conduzido por mãos femininas. Do feminino vieram seus valores, seu sustento e suas lembranças, o nascer e o crescer de seus afetos, que a jagunçagem não conseguiu apagar e que as mulheres, ao longo de sua *travessia*, cuidaram de reforçar. Não é sem motivo, portanto, que

nos bandos de jagunços, Riobaldo surge como o único para quem o mundo feminino tem um interesse intrínseco – um segredo e uma atração maravilhosa que conferem à mulher uma dignidade marcante e independente dos interesses jagunços. (ROSENFELD, 2006, p. 272)

Com efeito, em *Grande Sertão: Veredas* as personagens femininas que vão sendo delineadas ao longo da obra colaboram todas para a promoção ou aprimoramento do masculino, do viril representado pelo personagem Riobaldo que, seguindo a sua *travessia*, atinge pelas mãos dessas mulheres a transformação que o conduzirá à ascensão social e espiritual.

Entre as personagens principais, Diadorim, ambígua, andrógina, é o ser desviante, perturbador, que desequilibra, angustia, confunde. Através dela, Riobaldo experimentará o encantamento, o feitiço da mulher que, mesmo oculta, mesmo travestida de homem, é ainda uma ameaça, uma “armadilha do demônio” que seduz, perturba, “desassossega” com um mero olhar.

O senhor saiba – Diadorim: que, bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para a minha mão. (GSV, p. 505)

Como Eva, sua sedução conduzirá à Queda, à dor e ao caos, mas também à descoberta – do mundo e de si mesmo. Diadorim é o amor impossível e irrealizado, contra o qual Riobaldo se debaterá ao longo de toda a sua *travessia*, mas ao qual se manterá atado como a um feitiço, do qual só consegue se desvencilhar ao final, quando morrem Hermógenes – o demo – e a própria Diadorim, desfazendo-se o encanto e permitindo que Riobaldo, purificado, rume para os braços de Otacília, na qual encontra a paz e o equilíbrio.

Otacília, pura, sensível e delicada, é o amor espiritual a quem Riobaldo consagra a sua vida. A moça, etérea e bucólica, é praticamente a promessa de redenção e ascensão para Riobaldo, garantindo-lhe, através do casamento, não somente o sossego, como também o *status* de fazendeiro, dono de terras. Representa a mulher ideal, pura e casta, modelo de Maria, apta ao papel de mãe e esposa dedicada. Com ela Riobaldo deixa de existir como jagunço, para dar lugar ao homem de família, amoroso e temente a Deus.

Igualmente importante nas reminiscências de Riobaldo é Nhorinhá, a sensual, voluptuosa “militriz” (GSV, p. 541), cuja lembrança, em meio às agruras do sertão, representa uma centelha de alegria no pensamento de Riobaldo que, somente anos mais tarde, compreenderá que se tratava de amor.

Todas elas, além de outras mulheres espalhadas ao longo do livro e das memórias do velho Riobaldo, são mãos, braços, almas, a conduzirem-no rumo ao conhecimento, ao descobrimento dos outros e de si mesmo, em meio a feiúras, belezas, tristezas, alegrias, morte e vida, até atingir o renascimento, abandonando o jagunço desgarrado para dar lugar ao fazendeiro devoto, em paz assentado, “vivendo o razoável de cada dia, no estar” (GSV, p. 393).

## DIADORIM – ANJO OU DEMÔNIO?

Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins/Diadorim desde cedo descarta o seu papel de mulher, por imposição ou sugestão do pai, que diz que ela “carece de ser diferente, muito diferente”. Assim, abafando sua porção feminina e, utilizando uma verdadeira armadura viril, “macho em suas roupas e suas armas” (GSV, p. 511), encobre a real identidade, encarna o papel do jagunço Reinaldo e segue pelas trilhas do sertão junto do bando de Joca Ramires.

Toda a “carapaça” utilizada pela moça, entretanto, não consegue apagar a sua natureza feminina, natureza essa que aguça em Riobaldo um amor incompreensível e perturbador, que há de acompanhá-lo feito sombra, provocando um constante desassossego, uma vez que ele desconhece sua identidade feminina e pensa estar amando alguém de natureza igual a sua – um homem. Contudo, muito embora Riobaldo não veja uma mulher diante de si, eis que travestida de homem, algo em seu íntimo antevê – “O corpo não traslada, mas muito sabe, adivinha se não entende” (GSV, p. 45) – o que somente ao final irá se descortinar diante dos seus olhos; algo em seu ser aponta na direção daquela que poderia ter sido a sua companheira, a sua mulher, mas que “não foi, não é, não fica sendo” (GSV, p. 614), porque o destino lhe reservava outros caminhos.

O princípio feminino em Diadorim, mesmo sufocado pelo masculino que a moça se vê obrigada a adotar, impõe o caráter sedutor, o feitiço inerente a todas as mulheres desde a origem. Dessa forma, seu corpo, seu cheiro, suas maneiras, tudo encanta, perturba, desvia, desperta os sentidos. Ainda menino (a), enfeitiça Riobaldo ao desvendar-lhe um mundo antes ignorado, repleto de cores, sons e perfumes<sup>2</sup>, dominado pela graça e o encanto das flores e das aves.

---

<sup>2</sup> Já aí se pode antever o mal, que através do belo e encantador, cercará Riobaldo, atraindo-o, enredando-o. Os inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger (1991, p. 143), ao tratar, no *Malleus Maleficarum*, dos encantamentos e ilusões, citam o que diz S. Agostinho no Livro LXXXIII:

Foi o menino quem me mostrou. E chamou minha atenção para o mato da beira, em pé, paredão, feito à régua regulado. – “As flores...” – ele prezou. No alto, eram muitas flores, subitamente vermelhas, de olho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do mucunã, que é um feijão bravo; (...) Um pássaro cantou. Nhambú? E periquitos, bandos, passavam voando por cima de nós. Não me esqueço de nada, o senhor vê. Aquele menino, como eu ia poder deslembrar? (GSV, p. 120)

O contato com o “menino”, entretanto, não abrirá a Riobaldo apenas as portas de um mundo belo e encantador. Bastante revelador, o primeiro encontro dos dois dará mostras do caráter ambíguo de Diadorim e antecipará o porvir de Riobaldo. Quando as águas claras do rio de-Janeiro são subitamente puxadas pelo rio São Francisco “todo barrento vermelho”, é como se uma profecia se delineasse, marcando-lhe o destino, adiantando a “feiúra”, os horrores que o futuro lhe reservava.

A travessia do rio, aliás, apresenta um importante valor simbólico, relacionado ao elemento *água*. Manfred Lurker, no *Dicionário de simbologia* (1997, p. 6) esclarece que “a água é equiparada ao caos e à matéria primeva por não possuir forma”, conceito que muito bem se aplica à personagem Diadorim, cuja “forma” não resta clara, marcada que é pela indefinição, pela androginia. Também, acrescenta Lurker que “a água tem uma relação especial com a lua (Divindades Lunares), ambas são símbolo de vida, morte e renascimento” (1997, p. 6). Realmente, em *Grande sertão: veredas* a travessia pelas águas do São Francisco representa, de certa forma, o renascimento de Riobaldo que, em uma espécie de rito de iniciação, passa “da preexistência para a existência, com a aquisição da capacidade contemplativa”, como aponta José Carlos Garbuglio (1972, p. 65), que ressalta, ainda, uma certa inversão ali da antiga prerrogativa na qual a água possui valor de santificação e purificação. Conforme o autor, “as águas turvas e barrentas do São Francisco invertem as prerrogativas tradicionais quando simbolizam a perda da pureza inicial e mostram a contaminação do homem pelas forças obscuras que o passam a dominar” (GARBUGLIO, 1972, p. 59).

A travessia de Riobaldo, com efeito, representará uma descoberta do mundo que, até então, lhe era ignoto; que não houvera ainda sido percebido em

---

“o mal diabólico se insinua por todas as vias sensoriais: faz-se conhecer em formas, recobre-se de cores, manifesta-se em sons, embosca-se em perfumes, infunde-se em sabores”.

toda a sua dimensão e força. Lembra, em certa medida, *Primeiras Estórias*, no qual os contos *As Margens da Alegria* e *Os Cimos* ressaltam o olhar espantado do menino perante o mundo, o seu maravilhamento perante o universo novo e colorido, onde se misturam florestas verdes, pássaros com plumagens coloridas, vaga-lumes, “estradas de não parar” e “nuvens de branco esgarçamento”.

Para Riobaldo, porém, não há somente o encantamento, o belo, há também o obscuro, o nefasto<sup>3</sup>. Assim como as águas claras e mansas podem subitamente se revelar turvas e violentas, também o “menino” que o encantara com sua beleza e sensibilidade, há de revelar uma face sanguinária e fria, bem como uma perturbadora coragem, com a qual é capaz de rasgar a ponta de faca<sup>4</sup>, e sem nenhum titubeio, qualquer um que venha a ameaçá-lo.

O menino abanava a faquinha nua na mão, e nem se ria. Tinha embebido ferro na cõxa do mulato, a ponta rasgando fundo. A lâmina estava escorrida de sangue ruim. Mas o menino não se aluía do lugar. E limpou a faca no capim, com todo o capricho. – “Quicé que corta...” – foi só o que disse, a si dizendo. (GSV, p. 124)

Diadorim, dúbia sempre, é quem há de despertar a atenção de Riobaldo para as ambigüidades circundantes, o claro e o escuro; o amor e o ódio; o bem e o mal; tudo misturado, tudo coexistindo; o caos promovendo a ordem – e até mesmo Deus “manobrando por intermédio do *diá*”. Assim, não espanta que a mesma personagem que o ensina a apreciar “as belezas sem dono” (GSV, p. 42), a admirar a natureza com seus sons, aromas e matizes, irá conduzir Riobaldo rumo à crueza, à aspereza do sertão e seus (des) rumos. Diadorim, encantadora,

<sup>3</sup> Riobaldo, em certa medida, é um Adão a descobrir-se nu pela primeira vez. Finalmente tem consciência de si e do mundo à sua volta e, uma vez experimentado o “fruto do conhecimento”, virá a conhecer também o sofrimento, a angústia, a adversidade e o perigo. Ainda, é oportuno lembrar, conforme ressaltava Kathrin H. Rosenfield (1992, p. 29) “que nossa cultura veio a associar intimamente o pecado sensual com o pecado intelectual: a sedução de Adão por Eva passa pelo desejo de igualar-se a Deus, isto é, de saber a distinção do bem e do mal”. Partindo dessa premissa, é possível afirmar que Diadorim não somente conduz Riobaldo ao conhecimento, como também à descoberta dos impulsos sensuais.

<sup>4</sup> A associação da personagem Diadorim com a faca é bastante significativa, aliás, como se pode observar pela definição de CHEVALIER e GHEERBRANT (1997, p. 414), que lembram que “Na iconografia hindu, a faca só é atribuída a divindades terríveis, entre as mãos das quais aparece sobretudo como arma cruel. [...] O símbolo da faca é, freqüentemente, associado também à idéia de execução, no sentido judiciário, de morte, vingança, sacrifício...”.

tentadora, fascina Riobaldo, seduz o jagunço e arrasta-o para trilhas de sangue, dor e desolação, nas quais encontra-se mergulhada buscando limpar o sertão e vingar a morte do pai. Como diz Antônio Cândido (1977, p. 194), “Diadorim, andrógino e terrível como os anjos, primeiro trouxe-o para o bando, depois contaminou-o com o seu projeto de vingança”. Diadorim, diabólica, com toda a malícia e astúcia de mulher atrai Riobaldo, e toma-lhe o sossego, o pensamento, o entendimento.

Mais eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. (GSV, p. 162-163)

Vestida de homem ou não, o fato é que Diadorim é mulher e, tal como se pensava na Idade Média, a mulher é a mais perigosa de todas as armadilhas, porque ela é uma armadilha do demônio que, com o seu auxílio, enreda, enfeitiça, prende nas suas teias os homens desprevenidos. Ao homem basta contemplá-la, ouvi-la, sentir-lhe o perfume, e já estará dominado, entregue, perdido. “Pois se a mulher enquanto alma sensível está associada à sensualidade, ou seja, à possibilidade de engendrar concupiscência, então até mesmo percebê-la, como assevera Crisóstomo, ameaça privar a alma da razão” (BLOCH, 1995, p. 39).

A Diadorim, mulher, fêmea tentadora, bastava a existência, ainda que “todo apertado em seus couros e roupas” (GSV, p. 312), para desassossegá-lo, confundir-lo, desatiná-lo, e despertar-lhe aquele gostar condenado. Diadorim, que conforme Benedito Nunes (1969, p. 144) “infunde-lhe uma paixão equívoca, vizinha do estado de confusão e encantamento atribuído ao Maligno ou a poder do Destino”.

Riobaldo olha, olha, torna a olhar, mas não entende, não consegue alcançar o como e o porquê de tamanho desatino por conta de um jagunço, de um “macho em roupas e armas”; e mais olha, e mais não entende; e mais se desassossega, uma vez que tudo o que vê diante de si é um guerreiro bravo, masculino no vestir e no guerrear, mas de onde, então... De onde emanava tanta sedução, tanto poder e encantamento? Só podia mesmo ser feitiço. “Feitiço, artes

e partes do Demo, astúcias do Maligno” como já dissera Benedito Nunes (1969, p. 144).

Entre os preceitos acerca dos feitiços e encantamentos temidos na Idade Média, dos quais os homens se deveriam acautelar, os inquisidores chamavam a atenção, no período de caça às bruxas, para o poder de algumas mulheres de lançarem feitiço sobre outras pessoas por meio do olhar, no qual, segundo S. Tomé, “se pode concentrar uma certa força sutil”<sup>5</sup>. Em *Grande Sertão Veredas*, não por acaso, é freqüente, nas lembranças de Riobaldo, a alusão aos olhos de Diadorim:

Que vontade era de pôr meus dedos, de leve, o leve, nos meigos olhos dele, ocultando, para não ter de tolerar de ver assim o chamado, até que ponto esses olhos, sempre havendo, aquela beleza verde, me adoecido, tão impossível. (GSV, p. 62)

Eu vi o rio. Via os olhos dele, produziam uma luz. (GSV, p. 121)

Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como a água de todos os rios em seus lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha muita velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que a idéia da gente não dá para se entender – e acho que é por isso que a gente morre. (GSV, p. 305)

O senhor saiba – Diadorim: que, bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro dele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para a minha mão. (GSV, p. 505)

Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. (GSV, p. 511)

Além disso, cumpre ressaltar – e a artimanha aqui não é apenas do “maligno”, mas também do mago Guimarães Rosa – que os olhos de Diadorim, taticamente, são verdes, “cor da expectativa, da Esperança, do estar a caminho” (LURKER, 1997, p. 747), mas cujo simbolismo também remete, em sentido

---

<sup>5</sup> “É desse tipo de fascinação que falavam Avicena e Al-Gazali. S. Tomás também lhe faz menção, Parte I, questão 117. Diz ele que a mente de um homem pode ser influenciada pela de outra pessoa, e que a influência exercida sobre outrem muitas vezes provém do olhar, porque no olhar se pode concentrar uma certa força sutil. (...) Podemos afirmar que, muitas vezes, esse fenômeno é natural, permitido por Deus; por outro lado, pode ser também que esses olhares malévolos sejam inspirados pela malícia do Diabo, com quem essas velhas bruxas terão firmado um pacto secreto.” (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 71)

negativo, ao veneno e à morte. Lembremos que o basilisco, serpente fabulosa, possuía olhos verdes e seu olhar era capaz de matar. Ainda, “na crença popular e na literatura (J. Gotthelf, *A Aranha Negra*), o diabo aparece muitas vezes como ‘o verde’” (LURKER, idem).

O próprio Riobaldo se pergunta (ou adivinha?) se aquele amor, que o punha doente, poderia vir do demônio: “o amor assim pode vir do demo? Poderá?! Pode vir de um-que-não-existe?” (GSV, p. 155). Por vezes, o jagunço parece mesmo ter certeza:

E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu esparecia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. (...) Sempre. Do demo. (GSV, p. 163)

Também a maneira como o jagunço se refere ao diabo – *diá* – não por simples coincidência, é o mesmo diminutivo pelo qual chama Diadorim, certa vez:

“Diga o senhor, sobre mim diga. Até podendo ser, de alguém algum dia ouvir e entender assim: quem sabe a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do *diá*?” (GSV, p. 56).

– “...Mas, porém, quando isto tudo findar, Diá, Di, então, quando eu casar, tu deve de vir viver em companhia com a gente, numa fazenda, em boa beira do Urucúia...” (GSV, p. 604)

O que reforça ainda mais a possível origem diabólica daquele sentimento de Riobaldo é que, como bem lembra Benedito Nunes (1969, p. 144), o encantamento por Diadorim somente se desvanece no final do romance, quando Hermógenes, a própria encarnação do diabo, é finalmente destruído. Cumpre lembrar que, de acordo com S. Tomás, citado por KRAMER e SPRENGER (1991, p. 145-146), qualquer encantamento

pode ser permanente se para curá-lo não houver remédio humano; ou se, havendo tal remédio, não é conhecido dos homens ou é ilícito; não obstante, Deus pode encontrar o remédio por meio de algum Anjo santo capaz de reprimir o demônio e talvez a bruxa.

Em *Grande Sertão* não havia remédio, não havia Anjo santo, havia apenas “o diabo na rua, no meio do redemunho...” (GSV, p. 611) e, para neutralizar o

demo e seu poder, para aniquilar o Judas, só mesmo Diadorim – anjo ou demônio? Diadorim era feita de amor ou só conhecia mesmo era o ódio? A ambigüidade sempre presente, que em Diadorim não se define. Diadorim é o falso, o dúbio, o escondido, é a neblina...

Se através de Diadorim o olhar de Riobaldo se abre para um mundo novo, também é através dela que sua alma se abrirá para o desequilíbrio, para a angústia do “não-saber e querer”<sup>6</sup>, que há de acompanhá-lo feito sombra, a figura de Diadorim a aparecer e desaparecer: “Diadorim desconversou, e se sumiu, por lá, por aí, consoante a esquisitice dele, de sempre às vezes desaparecer e tornar a aparecer, sem menos. Ah, quem faz isso não é por ser e se saber pessoa culpada?” (GSV, p. 78)

Culpada... Diadorim era e se sabia culpada, mas de quê? De ser mulher, é claro. Como mulher, é uma filha de Eva, a responsável pela expulsão do Paraíso. Sendo mulher, não tem como fugir à sua culpa. É dela, pois, que advirá a dor, o sofrimento. A mulher é fadada a carregar a culpa e as dores do mundo porque “não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher é que, enganada, ocasionou a transgressão” (1 Timóteo 2, 14).

No caso do *Grande Sertão*, embora o pactário Hermógenes, o Judas, tenha incitado o ódio com a sua traição, é de Diadorim que brota a sede de sangue, é ela quem irá conduzir Riobaldo à guerra e ao ajuste com o diabo. Diadorim, que “suspirava de ódio, como se fosse por amor” (GSV, p. 46) é quem conduz Riobaldo a desafiar o poder divino e entregar-se ao mal, a oferecer a sua alma e render-se ao pacto com o maligno, assim como Eva levou Adão a desobedecer a Deus e provar do fruto proibido. Se a Virgem Maria era a “mediadora”, espécie de elo entre Deus e os homens, Diadorim há de perfazer o caminho inverso, servindo de ponte entre Riobaldo e o diabo.

Mas se Diadorim é ódio, é vingança, Diadorim é também justiça<sup>7</sup>. Sua “missão”, antes de tudo, é continuar a obra do pai, Joca Ramiro, e limpar o sertão,

---

<sup>6</sup> “Diadorim me veio, de meu não-saber e querer. Diadorim – eu adivinhava”. (GSV, p. 326).

<sup>7</sup> José Roberto Mello (1992, p. 74) aponta, aliás, que “vingança e justiça são sinônimos na Idade Média”.

bem como eliminar os traidores, os “hermógenes”, os “Judas”, vingando a morte do grande líder, empreitando verdadeira façanha de herói medieval. Diadorim, aliás, “sempre atencioso, esmarte, correto em seu bom proceder” (GSV, p. 202), reúne todas as características do herói: bons atributos morais, porte, beleza física, além da linhagem (eis que descendente do chefe Joca Ramiro) e a inquestionável coragem, como o próprio Riobaldo atesta: “o único homem que a coragem dele nunca piscava” (GSV, p. 208).

Enquanto mulher, todavia, não pode alcançar seus propósitos, eis que, conforme se pensava na Idade Média, “às mulheres é proibido fazer correr sangue” (DUBY, 1997, p. 144). O papel da mulher é tão somente servir ao homem, caso não sirva a Deus; para tanto a mulher foi criada: para companhia do homem, sempre submissa, sempre em segundo plano<sup>8</sup>. Como lembra Suzi F. Sperber (1982, p. 95), “concede-se à mulher no máximo a função de mediadora. Mas não tem o direito de ser o sujeito de seu destino; (...) o seu papel na sociedade não se renova. Ela será sempre a segunda, ainda que heróica”. É do homem, sempre do homem, o papel principal, a guerra, a caça, o poder de mando, enfim, as rédeas do destino – dos seus servos, dos seus filhos e, principalmente, da mulher que estiver sob seu controle, em sua posse.

Como mulher, e uma vez que houvesse sido dada em casamento, incumbiria ao homem, ao marido, combater em seu nome<sup>9</sup>, mas como tal não aconteceu, e Diadorim é, ao que tudo indica, a única descendente do chefe Joca Ramiro, só lhe resta assumir a condição masculina e, sob este manto viril, encarnando a figura do jagunço Reinaldo, vai ela mesma vingar a morte do pai e honrar seu nome.

O motivo é justo e a empreitada é necessária, mas, ao fazê-lo, Diadorim rompe com a ordem “natural” reinante no sertão. Ao vestir-se de homem, ao pegar em armas e destruir o inimigo, Diadorim quebra os – já há muito tempo definidos –

---

<sup>8</sup> A própria Diadorim afirma: “Mulher é gente tão infeliz...” (GSV, p. 188).

<sup>9</sup> DUBY (1997, p. 144) explica o costume medieval: “Quando uma mulher herda de seu pai o poder de comando, incumbe a um homem, o marido a quem foi dada, manejar a espada em seu nome, ou antes em nome dos meninos que ela pôs ou que porá no mundo, até o dia em que eles forem capazes de tomar o gládio nas mãos”.

papéis e lugares cabíveis ao homem e à mulher<sup>10</sup>. E, nesse ínterim, qual papel lhe pertence: homem ou mulher? Jagunço ou Donzela? Em Diadorim não há resposta. Nela o masculino e o feminino se fundem, se confundem. Como a Istar babilônica, “deusa dos homens e das mulheres” (LURKER, 1997, p. 27), Diadorim está para a guerra tanto quanto está para o amor. Não se resolve e, portanto, transgride, subverte. Desempenhando o papel de homem, foge ao seu lugar vital, desatende ao papel que lhe compete, qual seja o de esposa, de mãe, de mulher. Nem homem, porque nascida fêmea; nem mulher, porque não desposada, não fecundada; simplesmente ela “é marginal no meio em que vive” (SPERBER, 1982, p. 94). Diabólica ou divina, para Diadorim não há lugar no mundo.

Enquanto guerreira, Diadorim atenta contra os códigos feudais, vigentes ainda naqueles confins, nos quais só há espaço para o masculino, para o viril. Como mulher, destoa completamente do modelo feminino desejável – submissa, dócil e servil. Sendo fêmea, desatende ao imperativo patriarcal, ao qual “era imprescindível a existência de um filho varão para dar continuidade à linhagem de sangue e, conseqüentemente, ao poder familiar” (DACANAL, 1995, p. 47)<sup>11</sup>; sem perpetuar os domínios e o nome dos Bettancourt Marins, Diadorim encerra em si a história daquela família, da qual não restará sequer vestígios. Condenada a ser eternamente o irrealizado, o incompleto, o impossível, a única saída lógica que lhe acena é a própria destruição. Neste sentido, observa José Hildebrando Dacanal (1985, p. 30):

nada mais lhe restava senão morrer, pois revelar-se em vida como mulher tornava-se tão inviável como inútil já que não possuía mais identidade e não estava mais em condições de equacionar o drama resultante do conflito entre sua função biológica, que exigia um complemento masculino, e sua função *desviada*, que a impedira de encontrá-lo. Riobaldo, sua única e última esperança, empalmara o poder e seguia, sem intermediários, rumo a seu próprio destino, que, como ele

<sup>10</sup> O historiador Georges Duby lembra que “Joana d’Arc foi condenada também por isso, por ter agido como um homem, por ter se mostrado, disseram seus juízes, “sanguinária” (DUBY, 1997, p. 144).

<sup>11</sup> Dacanal, tecendo comentário acerca da sociedade caboclo-sertaneja – segundo ele uma mistura das sociedades guerreiras ou das dedicadas ao pastoreio extensivo – explica que “a falta do filho, futuro patriarca a reger o clã, significava, inevitavelmente, a assimilação por parte de outro clã, via casamento, ou o total desaparecimento, via extermínio”, sendo precisamente este último o caso de Diadorim.

há muito vinha percebendo, acabaria necessariamente na Fazenda Santa Catarina, no casamento com Otacília.

Para Diadorim, longe de ser um privilégio ou uma benção, nascer mulher, em uma sociedade tipicamente viril, implica uma maldição, da qual somente conseguirá libertar-se pela “travessia” de um longo e tortuoso caminho, em cujas curvas se oculta o destino fatal que há de levar-lhe a própria vida. A ela, que teve de travestir-se, que teve de falsear, que teve de sangrar e matar para sobreviver num meio completamente hostil, só o que resta é uma possível redenção, cujo preço é o próprio holocausto – “o corpo claro e virgem de moça, morto à mão, esfaqueado, tinto todo de seu sangue” (GSV, p. 207) – no qual toda a sua bravura e potência destruidora serão exigidas, servindo de instrumento ao extermínio do mal, do demo, do Hermógenes. Diadorim, então, é o instrumento de Deus, mandado “por intermédio do *diá*”? Para Suzi F. Sperber, Diadorim é, de fato, a mediadora. “Como mediadora, ela assume o papel santificado conferido à mulher, sobretudo a partir do Romantismo. Mediadora, ela é a Virgem e, pois, permanece virgem” (SPERBER, 1982, p. 95-96).

Ao entregar-se à morte, Diadorim não só livra o sertão do demo, do Hermógenes, como também liberta a si mesma do poder diabólico que a envolvia, permitindo-se adentrar em uma outra dimensão, garantindo, com o gesto final de sacrifício e desprendimento, a redenção e ascensão ao seio de Deus – “A Deus dada. Pobrezinha...” (GSV, p. 615). Diadorim, diabólica, sanguinária, torna-se, ao final, uma espécie de “cordeiro de Deus”, cujo sangue é derramado não somente para vingar o pai morto, mas principalmente para libertar do mal o sertão e, em última instância, libertar Riobaldo daquele feitiço que o mantinha inebriado, agrilhado<sup>12</sup>. O próprio Riobaldo, aliás, toma consciência, com a morte de Diadorim, que havia um encantamento que naquele momento se desfez: “Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei a mão para

---

<sup>12</sup> O *Malleus Maleficarum* (1991, p. 223) traz, entre outros, o exemplo do padre que é curado de um feitiço após a morte da mulher que o havia enfeitado. Igualmente, cita o caso da mulher que se diz feliz com a própria sentença de morte, uma vez que “através dela havia de se livrar e de escapar do poder do diabo”. A morte da feiticeira, ao que tudo indica, é considerada uma punição terrível, mas necessária, para libertar a si mesma e àqueles a quem houvera enfeitado.

me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores” (GSV, p. 615).

Diadorim encerra com sua morte um ciclo místico, no qual principia como Eva tentadora, diabólica; atravessa dores e sofrimentos em meio a guerras; e, ao final, cumprida sua missão, terminada sua dolorosa travessia, purifica-se pelo sacrifício, por meio do qual transmuta-se em mediadora, redentora, redimindo-se e assumindo o papel santificado da Virgem. Seu trágico desfecho coaduna-se com a narrativa característica do ocidente cristão, cujo núcleo, segundo Kathrin H. Rosenfield,

situa-se no duplo movimento da história da salvação, que descreve a queda do homem, sua perda da graça divina e da beatitude, abrindo, no entanto, a esperança da redenção, de um resgate espiritual e de uma recuperação da beatitude num outro espaço (o do universo divino da fé e do céu) (ROSENFELD, 1992, p. 17)

Ironicamente, o seu sacrifício também redimirá Riobaldo, o qual, purificado e livre, abstendo-se do mal e da jagunçagem, encontrará a paz e a religiosidade nos braços de Otacília – “De mim, pessoa, vivo para minha mulher, que tudo modo-melhor merece, e para a devoção” (GSV, p. 40). O que há em *Grande Sertão Veredas*, portanto, é uma travessia bíblica, a própria travessia do homem, na qual defrontamo-nos com um “Riobaldo-Adão” – na verdade, um Adão às avessas – que parte da Queda para chegar ao Paraíso. Diadorim, portanto, é responsável não só pela promoção de Riobaldo como homem, mas como ser humano. É através dela que ele deixará a sua triste e vergonhosa posição de menino bastardo e ingênuo, para transitar no mundo dos jagunços-guerreiros, aprendendo valores como lealdade, bravura e honra, destacando-se como chefe e experimentando o poder e as glórias de líder. Entretanto, não podendo revelar-se ao jagunço como mulher, “moça perfeita” que era na realidade, para “Maria Deodorina-Eva”, não há glória, não há recompensa, não há companheiro e, tampouco, paraíso na terra; para ela só mesmo a morte e o eterno renascimento nas memórias do ex-jagunço Riobaldo. Ela – “*Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor...” (GSV, p. 620-621).

## NHORINHÁ – ALEGRIA E SINGELEZA

Nhorinhá, a “prostitutriz”, representa na narrativa a luxúria, o amor carnal, normalmente associado à cor vermelha<sup>13</sup>, símbolo da sensualidade e da paixão: “Ao que, num portal, vi uma mulher moça, vestida de vermelho, se ria” (GSV, p. 49).

Observa-se, entretanto, que a relação com a prostituta está além do prazer corporal, excede o mero deleite, marcando a lembrança de Riobaldo por toda vida.

A relação sexual entre o jagunço e a “militriz” ultrapassa os limites do gozo físico, da comunhão carnal, para converter-se em uma união quase sagrada, comparada pelo próprio Riobaldo ao rito do casamento. “Recebeu meu carinho no cetim do pêlo – alegria que foi, feito casamento sponsal” (GSV, p.49).

O encontro com Nhorinhá, antes mesmo do apelo erótico, tem a marca do acolhimento – “*Recebeu* meu carinho...” – e do aconchego, remetendo ao abrigo feminino que, como já foi mencionado, Riobaldo fora perdendo ao longo da sua trajetória e cuja falta lhe é sentida enquanto atravessa o sertão viril, povoado de machos bárbaros e distanciado da energia feminina.

Ao contrário dos outros jagunços, Riobaldo não vislumbra, pois, na prostituta apenas a mera satisfação física, mas igualmente uma espécie de ascensão espiritual, para além da carne e dos sentidos. Como acertadamente assevera Kathrin Rosenfield (2006, p. 285), aliás,

a lógica narrativa não parece distinguir entre o amor das meretrizes (amor carnal) e o amor da virgem e futura esposa (amor espiritual e sublimado). Essas duas facetas do amor conjugam-se, ao contrário, na metáfora da “alegria sponsal” – metáfora que une em um só termo a

---

<sup>13</sup> LURKER (1997, p. 747) diz que vermelho “é a cor da vida, da paixão e do amor: a noiva romana aparecia envolta no *flammeum* para o casamento”. Lembra, todavia, que “Na Bíblia, é a cor do pecado e da penitência; a grande meretriz Babilônia, símbolo dos poderes adversários de Deus, vestia-se em púrpura e escarlate...”.

sensação do bem-estar físico e a harmonia espiritual que marcam o encontro com Nhorinhá. Na “alegria sponsal” que Riobaldo conhece graças à ternura generosa da prostituta, as determinações concretas do amor – a realidade carnal de um, de outro o reconhecimento da mulher enquanto parceira numa troca de gozo erótico – confundem-se, transformando o ato físico em um evento sublime e pleno.

Embora represente o amor consumado, o amor da carne, o amor por Nhorinhá vai sendo construído ao longo da obra, também, como um amor terno, quase ingênuo, o que podemos perceber pelo cuidado, pela delicadeza com que Riobaldo lembra da personagem, com carinho e respeito incomuns que os outros jagunços não prestam às moças de sua categoria.

Em que pese, portanto, a condição rebaixada da moça, nas lembranças de Riobaldo ela assume um caráter elevado – quase tanto quanto Otacília<sup>14</sup> – em que a admiração e o respeito não deixam margem para o escárnio ou o preconceito. Ao contrário, o “ofício” de Nhorinhá, é aclamado pelo jagunço:

– sempre a essas do mel eu dei louvor de meu agradecimento. Renego não, o que me é de doces usos: graças a Deus toda a vida tive estima a toda meretriz, mulheres que são as mais nossas irmãs, a gente precisa melhor delas, dessas belas bondades. (GSV, p. 252)<sup>15</sup>.

Como já se viu, Riobaldo preza o acolhimento feminino, a ternura e a generosidade das mulheres, sejam elas mães, esposas, ou rameiras.

Na percepção de Riobaldo (da qual o texto nunca se distancia), as adúlteras, moças e meretrizes amadas no percurso de suas andanças, não são menos respeitáveis ou menos encantadoras do que a moça de família Otacília, protegida nos seus “territórios e buritizais”. (ROSENFELD, 2006, p. 272)

Não fazendo distinção entre as mulheres, portanto, não faz ele qualquer reparo da sua classe ou situação, apelando apenas para o seu poder restaurador, protetor, como se as mulheres fossem mesmo divindades, capazes de aplacar

<sup>14</sup> “o amor por Nhorinhá”, diz Benedito Nunes, “simples e natural, [...] nasceu de um abraço voluptuoso e foi crescendo na memória de Riobaldo, em torno da recordação do prazer sensível que ela lhe proporcionara, até converter-se numa forte paixão, secretamente cultivada e estranhamente parecida com o sentimento mais puro, quase desencarnado e beatífico que a imagem etérea de Otacília nele produzia” (NUNES, 1976, pp. 144-145).

<sup>15</sup> O discurso de Riobaldo lembra o cristianismo primitivo que, conforme BARROS (2001, p. 143), “permitiu à mulher a possibilidade de uma igualdade em relação aos homens, todos eram irmãos em Cristo. Além disso, aceitou-a pura ou pecadora, como seguidora de Cristo [...]”.

com seus afetos a brutalidade dos homens sertanejos, ou, ao menos, atenuar-lhe os efeitos daquela vida desordenada e sangrenta.

Mais do que amenizar os horrores da jagunçagem, as *bestidades* chocantes com as quais Riobaldo vai se deparando ao longo de sua *travessia*, o contato com Nhorinhá restaura-lhe, ao menos no *trivial do momento*, o corpo e a alma adoecidos pelo amor irrealizável que ele traz, amargo junto ao peito, pelo companheiro Diadorim.

Se *Diadorim era o ódio*, Nhorinhá era a própria representação do júbilo, do amor simples, sem culpas e sem titubeios, *de olhos e mãos*, e *o gosto bom ficado na boca*, sem qualquer estranheza ou repulsa, desimpedido de tudo. Enquanto Diadorim abafa a feminilidade, Nhorinhá distribui seus dotes generosamente, transbordando carinho e sensualidade, transformando o ato sexual em comunhão do corpo e da alma, em um verdadeiro rito espiritual, característica inerente às prostitutas rosianas.

[...] a prostituta, que ganha um relevo excepcional na fabulação de Guimarães Rosa, tem papel saliente. Ela é sempre a fêmea que tem fogos no corpo, pronta a transmitir, generosamente, o impulso vital que fervilha em seu ser. [...] Nada há de pecaminoso nelas, como nada de sombrio perpassa no ato sexual, que o romancista valoriza... (NUNES, 1976, p. 149).

A personagem Nhorinhá ultrapassa, pois, o estereótipo da prostituta rebaixada e pecadora, estigmatizada pela tradição judaico-cristã, para converter-se na prostituta sagrada do paganismo, espécie de elo entre os humanos e as divindades, transmissora da energia divina, mediadora entre o plano terrestre e as esferas superiores.

Em muitas civilizações, os rituais, os sacrifícios, os sacramentos e, principalmente, o sexo foram empregados com o fim de atualizar, no tempo e no espaço, a presença real da divindade, transmitindo ao ser humano suas influências benfazejas. Por este motivo, acreditava-se que as práticas sexuais das deusas, que não se separavam da espiritualidade desses povos, quando reproduzidas no plano terrestre, despertavam os poderes da Grande Mãe e estes se manifestavam no casal sacralizado pelo rito. Esses rituais recebiam o nome de prostituição sagrada. (BARROS, 2001, p. 28)

Não por acaso, desde o primeiro contato a união dela com Riobaldo é cercada por uma atmosfera ritualística, com forte carga simbólica – “Eu nem tinha começado a conversar com aquela moça, e a poeira forte que deu no ar ajuntou nós dois, num grosso rojo avermelhado” (GSV, p. 49) –, como se fossem atraídos por uma força superior e não pela simples vontade.

A poeira que os *ajuntou* lembra a Terra, elemento feminino conectado à fecundidade e à criação, mas também nos remete ao ocre vermelho que, utilizado em túmulos do período Paleolítico, juntamente com outros componentes simbólicos, acreditava-se que tinha o poder de “vivificar, de devolver a vida ao morto” (BARROS, 2001, p. 19)<sup>16</sup>.

A relação sexual com a prostituta, que nada tem de pecaminoso, e é o momento de comunhão física e espiritual, traz, de fato, a renovação do corpo e da alma, numa espécie de ressurreição, restaurando as energias, revitalizando e fortalecendo o jagunço para enfrentar a dura *travessia* que ele ainda tem pela frente.

O amor de Nhorinhá representa para Riobaldo “um pouquinho de saúde, um descanso na loucura” (GSV, p. 327), restabelecendo-o e amenizando a tristeza que *ia se pegando*<sup>17</sup> no jagunço, por conta do forte ódio de Diadorim.

No jardim dos amores de Riobaldo, Nhorinhá é a “florzinha amarela”<sup>18</sup>, cor do sol, cor do ouro, da alegria<sup>19</sup>. A lembrança da personagem é, por assim dizer, o

---

<sup>16</sup> “Vulvas, conchas e ocre vermelho”, explica BARROS (2001, p. 19), “foram os símbolos privilegiados para provocar a fecundidade, mas além de funcionarem como amuletos da fecundação foram investidos dos poderes sagrados de vivificar, de devolver a vida ao morto. Era freqüente, nos túmulos do Paleolítico o uso do ocre vermelho e uma distribuição cuidadosa de conchas sobre o corpo do morto. [...] O túmulo era a terra, ventre lacerado, que acolhia na morte, mas que se fechava e, engendrando novamente, restituía para a vida. A concha representava a vulva, responsável pela passagem para o mundo. O ocre vermelho era o sangue que envolvia o feto, assim como o túmulo envolvia o ser desprovido de vida”.

<sup>17</sup> “E aquilo, forte que ele sentia, ia se pegando em mim – mas não como ódio, mais em mim virando tristeza” (GSV, p. 45).

<sup>18</sup> “Nhorinhá – florzinha amarela do chão...” (GSV, p.393).

<sup>19</sup> De acordo com LURKER (1997, p. 21), “cor próxima ao sol e ao ouro, na China com sentido de bem-aventurança, atribuída aos imperadores e monges. [...] Na literatura espiritual da Idade Média, o amarelo indica a “alegria celeste”, na poesia profana a certeza do amor.” Também lembra LURKER que “numa interpretação ainda mais voltada para o sensual, já se encontra o amarelo entre gregos e romanos como a cor das prostitutas (cabelos tingidos de amarelo, vestidos amarelos).”

raio de sol em meio à grande tempestade em que se verá o jagunço em sua caminhada pelo sertão, é a centelha de contentamento que se apropria do seu pensar (e por que não dizer do seu coração?), ao longo da tortuosa travessia.

Interposta entre o amor irrealizado por Diadorim e o amor idealizado por Otacília, Nhorinhá é a representante do amor concreto, materializado, que acompanha Riobaldo não apenas como lembrança longínqua, mas como sensação física presente, marcante, *gosto bom ficado nos olhos e na boca*<sup>20</sup>.

Ela é a *florzinha* ordinária, *amarela*, dessas que se pode encontrar em qualquer beira de estrada, sem grande valor, mas capaz de encantar os passantes com a sua beleza, com a sua alegria e singeleza, que Riobaldo exalta, aprecia, enfatizando que a moça não perde seu encantamento mesmo após se dar a muitos homens – “...Nhorinhá, casada com muitos, e que sempre amanheceu flor.” (GSV, p. 541) –, numa conotação diferente daquela que é atribuída por Diadorim, para quem o *se dar a muitos homens* toma uma acepção vulgar, grosseira, como ela deixa bem transparecer na fala maledicente: “aquela mulherzinha especial, a da Rama-de-Ouro, filha da feiticeira... [...], ela faz o gozo do mundo, dá açúcar e sal a todo passante...” (GSV, p. 392).

Se para Diadorim ela representava a mulher vulgar e rebaixada, na visão de Riobaldo, ao contrário, Nhorinhá era praticamente o símbolo da perfeição, ela que, embora *se dando a muitos homens*, conserva-se bonita, jovem, como se mesmo uma deusa fosse, intocada pela ação do tempo, o que se explica, em certa medida, porque, na condição de *lembrança*, ela permanece, de fato, intocada no tempo. Riobaldo não torna a vê-la, não tem conhecimento, e não pode, pois, dar a conhecer outra imagem de Nhorinhá que não aquela que ele guardara em suas reminiscências: “a sem mesquinhice, para todos formosa, de saia cor-de-limão” (GSV, p. 393); “a que era clara, com os olhos tão dela mesma” (GSV, p. 535).

Com exceção da presa de jacaré que ela dera para o jagunço guardar, tudo o mais que envolve a figura de Nhorinhá são sensações, memórias que Riobaldo vai guardando consigo, e que remetem, obviamente, para o bom e para o belo,

---

<sup>20</sup> “Nhorinhá, gosto bom ficado em meus olhos e minha boca” (GSV, p. 115).

resultado da entrega da moça que, como já foi visto, perpassa a mera entrega do corpo, para converter-se em júbilo e transcendência.

Ainda, destacando-se das outras moças de sua condição, Nhorinhá dá provas de que não se dedica apenas à sensualidade e aos prazeres terrenos, mas entrega-se, também, à devoção, trazendo ao jagunço, além do conforto físico, o amparo religioso, mostrando-lhe, inclusive, “para beijar uma estampa de santa, dita meia milagrosa”, e aproximando-se, em certa medida, de Otacília que, com suas rezas, intercedia por Riobaldo junto a Deus.

Como Otacília, também Nhorinhá busca para Riobaldo a proteção espiritual, divina, demonstrando, assim, que o jagunço tem algum significado em sua vida, mais que “o trivial do momento”, o que se confirma, depois, com a carta que a moça lhe envia e que, apesar de recebida tardiamente, mostra ao jagunço que gostara dela *de todo tempo, até daquele tempo pequeno em que com ela esteve, na Aroeirinha, e conheceu, concernente amor*<sup>21</sup>.

O que encanta Riobaldo, portanto, não é apenas a atração pelo corpo bonito que Nhorinhá ofertava para o desfrute, mas igualmente o desvelo, o cuidado que a prostituta lhe dispensa, remetendo, mais uma vez, para a essência feminina que acompanhara Riobaldo em sua meninice, com os afetos, a bondade e o apuro da mãe Bigri, tão distante daquelas brutesas que ele agora experimenta.

Se, por um lado, Nhorinhá representa o profano, o amor da carne, da entrega sensual, por outro, ela manifesta o sagrado, o princípio feminino conectado à maternidade, à fecundidade, e que tende a afagar, proteger, acolher, o que nos faz lembrar a figura de Maria Madalena, interposta entre Eva e Maria. Nesse sentido, aponta BARROS (2001, p. 165):

Afirmando-se como uma terceira face, que se imiscuía entre as duas anteriores, Madalena reunia as características que definiam tanto a primeira, a diabólica, quanto a segunda, a celestial. Nem totalmente santa porque pecadora, nem totalmente impura porque perdoada, Madalena era a (in) acessível, a que podia ser imitada, porque (i) maculada como todos.

---

<sup>21</sup> “Quando recebi a carta, vi que estava gostando dela, de grande amor em lavaredas; mas gostando de todo o tempo, até daquele tempo pequeno em que com ela estive, na Aroeirinha, e conheci, concernente amor” (GSV, p. 115).

Como mulher, Nhorinhá é plena. Como mulher, ela é a própria representante do Amor, tomando-se mais uma vez, como referência, a acepção trazida por BARROS (2001, p. 37), de acordo com a qual “A mulher, da mesma forma que o Amor, ocupa este nível intermediário, nem totalmente angelical, nem irremediavelmente diabólica, mas uma amálgama dos dois, em que é difícil discernir a mãe da amante”.

Ao guardar na memória a lembrança de Nhorinhá, Riobaldo guarda, em verdade, a lembrança da sua relação com o contato feminino que, somada às reminiscências da infância, fortificam, nos momentos de desânimo, o seu estranhamento com relação ao mundo da jagunçagem, ao mesmo tempo em que aguçam o seu desejo de integrar-se ao mundo civilizado, de tomar parte na vida doméstica, caseira, longe dos desmandos e excessos dos jagunços, precipitando a decisão que ele viria a tomar na Fazenda Santa Catarina, de unir-se a Otacília e assentar-se em paz na vida regrada.

## OTACÍLIA – ASCENSÃO E REDENÇÃO

Paralela a Diadorim, Riobaldo destina a Otacília o seu amor, mas, diferentemente daquele amor incompreensível e perturbador que lhe provoca um constante desassossego, o amor pela moça da Fazenda Santa Catarina é um amor sereno, elevado, sem sombras, sem receios. Otacília, moça meiga e devota, é aquela a quem o jagunço consagra a sua vida.

“De mim, pessoa, vivo para minha mulher, que tudo modo-melhor merece, e para a devoção. Bem-querer de minha mulher foi que me auxiliou, rezas dela, graças. Amor vem de amor. Digo. Em Diadorim, penso também – mas Diadorim é minha neblina...” (GSV, p. 22).

Se para “desenhar” Diadorim Guimarães Rosa abusa dos tons verdes (e, por vezes, vermelhos), lembrando o tom selvagem da personagem, a Otacília reserva a cor branca, ressaltando sua pureza, sensibilidade e delicadeza. “Toda a moça é mansa, é branca e delicada. Otacília era a mais” (GSV, p. 145).

A pura Otacília é a eleita do jagunço, a que se sobressai entre seus poucos amores – ou flores, para utilizar o recurso metafórico que Rosa tão bem sabia empregar – Ah, a flor do amor tem muitos nomes (GSV, p. 206). – e que igualmente se pode vislumbrar nesse trecho acerca de um *canteirozinho de jardim*, que bem pode ser lido como sendo o coração de Riobaldo: “Mas, na beira da alpendrada, tinha um canteirozinho de jardim, com escolha de poucas flores. Das que sobressaíam, era uma flor branca – que fosse caeté, pensei, e parecia um lírio – alteada e muito perfumosa” (GSV, p.145).

Contrastando com Diadorim, que é enigmática, ambígua, “neblina” para Riobaldo, Otacília é a moça tranqüila, sem segredos, sem ódios, é o ser angelical em cujo peito o jagunço encontra a paz, o reconforto quase celestial. Representando ambas o inferno e o céu para onde Riobaldo é duplamente atraído, Diadorim é guerreira, selvagem, derramando sangue pelo sertão afora,

enquanto Otacília é etérea, bucólica. “Otacília, o senhor verá, quando eu lhe contar – ela eu conheci em conjuntos suaves, *tudo dado e clareado*, suspendendo, se diz: quando os anjos e o vôo em volta, quase, quase” (GSV, p.109, grifo meu).

Enquanto Diadorim oculta, falseia e confunde, em Otacília os sentimentos são manifestos, límpidos, *tudo dado e clareado*, sem enigmas, sem sobressaltos, oferecendo a Riobaldo aquilo que Diadorim lhe nega. “Moça que *dava amor por mim*, existia nas Serras dos Gerais – Buritis Altos, cabeceira de vereda – na Fazenda Santa Catarina” (GSV, p. 67, grifo meu).

Note-se que Guimarães Rosa, ao descrever sua fazenda, continuando o modo com que “pintara” a personagem Otacília, abusa dos tons suaves, apontando somente para o belo, delicado, perfeito, praticamente um paraíso.

A Fazenda Santa Catarina era perto do céu – um céu azul no repintado, com as nuvens que não se movem. A gente estava em maio. Quero bem a esses maios, o sol bom, o frio de saúde, as flores no campo, os finos ventos maiozinhos. A frente da fazenda, num tombado, respeitava para o espigão, para o céu. Entre os currais e o céu, tinha só um gramado limpo e uma restinga de cerrado, de donde descem borboletas brancas, que passam entre as réguas da cerca. (GSV, p.145).

Não por acaso, na fazenda de Otacília, plácida e renovadora, Riobaldo encontrará, além de repouso para o corpo, remédio para a alma que, adoecida pelo amor caótico de Diadorim, há de ser restabelecida pela jovem *mansa, branca e delicada* que, com seu *bem-querer* e suas rezas, há de recuperá-lo.

Se pela mão de Diadorim Riobaldo é conduzido à *travessia*, com Otacília ele é conduzido à finalização de uma etapa de sua vida, encerrando a jagunçagem que, no momento da narração, já está relegada ao passado, existindo apenas nas lembranças do ex-jagunço, agora um senhor tranqüilo, desfrutando da paz e conforto de suas terras ao lado da boa e devota esposa.

Como observa Dacanal (1988, p. 27), “o presente é o ponto final, o último estágio da *travessia* de Riobaldo. Em todos os sentidos: existencial, especificamente interior ou espiritual e, até, geográfico, social e econômico”. O jagunço Riobaldo deixa de existir, dando lugar ao homem de família, amoroso, temente a Deus: “O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não sou, não quero ser. Deus esteja” (GSV, p. 166).

O *bem-querer* de Otacília, *rezas dela*, é que reconduzem Riobaldo ao universo celestial da paz e da devoção, universo perdido, quase esquecido ao longo da penosa *travessia* que o desviou da religiosidade experimentada com a mãe Bigri, ainda menino, para lançá-lo no abismo dos *hermógenes*, dos bárbaros apartados de Deus e de tudo o que é puro e belo.

Otacília, que na lembrança idealizada de Riobaldo, é quase uma encarnação de Maria, a “guardiã da Porta do Céu” (BARROS, 2001, p. 163), ocupa na obra o papel de redentora, auxiliando na “conversão” do pactário Riobaldo que, reconciliado com Deus e sua fé, poderá gozar da velhice em serenos pastos, redimido e apaziguado, vivendo para a sua “mulher, que tudo modo-melhor merece, e para a devoção” (GSV, p.22).

A analogia de Otacília com Maria, aliás, remete-nos a uma outra, que é a de Diadorim com Eva; eis que, como eu já afirmara anteriormente, através de Diadorim, Riobaldo se descobre, passa a ter consciência de si e do mundo à sua volta, mas, uma vez experimentado o “fruto do conhecimento”, ele igualmente conhece o sofrimento, a angústia, a adversidade e o perigo; ela é, assim, em certa medida a responsável pela sua “expulsão do Paraíso”<sup>22</sup> que só por intermédio de Otacília ele consegue alcançar novamente.

Se Diadorim lhe abre os caminhos incertos e traiçoeiros da vida de jagunço, marcada pelo vazio e pela errância, Otacília, *a firme presença*, abre para Riobaldo a possibilidade de se fixar, de *morar residido*, de levar uma vida sensata, estável, de bases sólidas; ela, a moça da *abençoada fazenda*, é o porto seguro no qual o jagunço pode, finalmente, ancorar o seu destino.

Também eu queria que tudo tivesse logo um razoável fim, em tanto para eu então largar a jagunçagem. Minha Otacília, horas dessas, graças a Deus havia de parar longe dali, resguardada protegida. O tudo conseguisse fim, eu batia para lá, topava com ela, conduzia. Aí eu aí desprezava o ofício de jagunço, impostura de chefe. Sei quem é chefe?

<sup>22</sup> Não é leviano afirmar, portanto, que Otacília e Diadorim emprestam ao romance a imagem dicotômica das mulheres, divididas entre Maria e Eva, a divina e a diabólica, imagem esta tão apregoada ao longo da Idade Média e que Maria Nazareth Alvim de Barros, assim explica: “Maria, pela obediência, pureza, virgindade, santidade, foi promovida ao Paraíso, guardiã da Porta do Céu, detentora e dispensadora de todo o bem. Completamente dicotomizadas, Eva assumia o profano, o Imundo da criação; Maria, no pólo oposto, representava o sagrado. Eva inominada, diabólica; Maria idealizada, dessexualizada” (2001, p. 163).

Só o gatilho de arma-de-fogo e os ponteiros do relógio. Sensato somente eu saísse do meio do sertão, ia morar residido, em fazenda perto da cidade. (GSV, p. 590).

Ainda que confusamente, dividido entre o “feitiço” de Diadorim e a afeição pura de Otacília, o encontro com esta última faz com que Riobaldo comece a delinear em seu íntimo um novo destino, que já não se coaduna com os desmandos da jagunçagem que, ao menos aparentemente, era só o que Diadorim parecia disposta a oferecer-lhe. Ante a eterna indefinição de Diadorim, e as possibilidades vislumbradas na Fazenda Santa Catarina, Riobaldo vai lentamente desenvolvendo “uma vontade de conversão de sua vida terrena, de trocar a guerra pela paz, de deixar as atribulações da luta e voltar-se para uma vida caseira, doméstica, de propriedade e trabalho no campo” (RONCARI, 2004, p. 244).

A própria Diadorim, consciente da sua impotência, da impossibilidade de se realizar como mulher ao lado de Riobaldo, e, antevendo as aspirações deste, é quem acaba por conduzi-lo aos braços de Otacília, despertando o carinho e o gostar do jagunço, deixando aflorar o que, talvez, fosse um sonho seu, mas que parecia prever que era Otacília quem viria a concretizar.

– “... Você se casa, Riobaldo, com a moça da Santa Catarina. Vocês vão casar, sei de mim, se sei; ela é bonita, reconheço, gentil moça paçã, peço a Deus que ela te tenha sempre muito amor... Estou vendo vocês dois juntos, tão juntos, prendido nos cabelos dela um botão de bogari. Ah, o que as mulheres tanto se vestem: camisa de cassa branca, com muitas rendas... A noiva, com o alvo véu de filó...” (GSV, p. 393)

Otacília, já idealizada no pensamento de Riobaldo, cresce, então, em seus devaneios, na medida em que avança o contar de Diadorim, *devagarinho*, *de sonsom*, como se estivesse a hipnotizar Riobaldo, esvaziando sua mente de toda a crueza, da aspereza do sertão, para conduzi-lo ao ambiente quase onírico do lar regido pelas delicadas mãos de Otacília, em tudo cercado pelos seus ternos cuidados, alegria e felicidade.

Diadorim mesmo repassava carinho naquela fala. Melar mel de flor. E me embebia – o que estava me ensinando a gostar da minha Otacília. Era? Agora falava devagarinho, de sonsom, feito se imaginasse sempre, a si mesmo uma estória recontasse. Altas borboletas num desvoejar. Como se eu nem estivesse ali ao pé. Ele falava de Otacília. Dela vivendo o razoável de cada dia, no estar. Otacília penteando compridos cabelos e

perfumando com óleo de sete-amores, para que minhas mãos gostassem deles mais. E Otacília tomando conta da casa, de nossos filhos, que decerto íamos ter. Otacília no quarto, rezando ajoelhada diante de imagem, e já aprontada para a noite, em camisola fina de ló. Otacília indo por meu braço às festas da cidade, vaidosa de se feliz e de tudo, em seu vestido novo de molmol. Ao tanto, deusdadamente ele discorresse. (GSV, pp. 393-394).

O amor de Otacília e o ambiente acolhedor da Fazenda permitem a Riobaldo retomar o contato com o universo feminino e o mundo civilizado, com seu dia a dia ordenado, envolto em afazeres domésticos, em obrigações sociais, em “ocupações da cidade”, coberto pelo cuidado e a afeição feminina, maternal, devotada, a mesma que Riobaldo experimentara pelas mãos da mãe Bigrí, com sua *bondade especial*, e da qual fora por tanto tempo apartado.

O enlace com a moça possibilita a ascensão de Riobaldo à vida regrada e respeitável, beneficiando-o com as posses e prestígio que a família dela possui, razões que, aliadas aos predicados de Otacília, física e moralmente irretocável, impelem-no a unir seu destino ao dela.

[...] eu cacei melhor coragem, e pedi meu destino a Otacília. [...] Por breve – pensei – era que eu me despedia daquela abençoada fazenda Santa Catarina, excelentes produções. Não que eu acendesse em mim ambição de têres e havêres; queria era só mesma Otacília, minha vontade de amor. Mas, com um significado de paz, de amizade de todos, de sossegadas boas regras, eu pensava: nas rezas, nas roupagens, na festa, na mesa grande com comedorias e doces; e, no meio do solene, o sôr Amadeu, pai dela, que apartasse – destinado para nós dois – um buritizal em dote, conforme o uso dos antigos. (GSV, p. 213)

Além das vantagens já enumeradas, Otacília abertamente apresenta – e Riobaldo decide aceitar – uma oportunidade para ele resgatar o amparo, a delicadeza e o conforto feminino apaziguador e generoso que perdera ao longo de sua vida e que Diadorim, por sua vez, renunciara, empenhada em seu *mandado de ódio*, sacrificando a feminilidade e abafando a meiguice que Riobaldo adivinha, mas que a moça lhe nega, sempre envolta em batalhas, morte e destruição – “tempo de descanso, em que eu mais amizade queria, Diadorim só falava nos extremos do assunto. Matar, matar, sangue manda sangue” (GSV, p. 46).

Enquanto Otacília é entregue, disponibilizando seu amor e seu destino, Diadorim é *o adíável, o do depois*, postergando firmemente a aceitação dos afetos,

dos mimos que Riobaldo lhe oferece, lembrando sempre de antes vingar, cumprir o *mandado de ódio*, para só então, só depois, recebê-lo – “Aí guarda outra vez, por um tempo. Até em quando se tenha terminado de cumprir a vingança por Joca Ramiro. Nesse dia, então, eu recebo...” (GSV, p. 390).

Mas se Diadorim titubeia, protela, Otacília é decidida, a *firme presença*, que sabe e deixa saber o que tenciona para si e para sua vida, como resta claro na cena em que Riobaldo avista a flor branca, que *parecia um lírio*, e que, nas portas das casas de fazenda em que há moças casadoiras, “de propósito plantam, para resposta e pergunta” (GSV, p. 206), costume desconhecido do jagunço, que, curioso, indaga o nome da flor.

– “*Casa-comigo...*” – Otacília baixinho me atendeu. E, no dizer, tirou de mim os olhos; mas o tiritozinho de sua voz eu guardei e recebi, porque era de sentimento. Ou não era? Daquele curto lisim de dúvidas foi que minou meu maisquerer. E o nome da flor era o dito, tal, se chamava – mas para os namorados respondido somente (GSV, p. 206).

Otacília traz consigo, pois, a chance do amor sem máculas, da união legítima e sacramentada, para a qual ela, *moça-de-família* que é, foi talhada. Para tanto, ela apresenta-se disposta e disponível, receptiva ao amor que Riobaldo há de destinar-lhe, e que o jagunço parece sentir, no instante em que pela primeira vez a vê, que se tratava do amor destinado, *demarcado*.

[...] mesmo com a confusão e os latidos de muitos cachorros, eu divulguei, qual que uma luz de candeia mal deixava, a doçura de uma moça, no enquadro da janela, lá dentro. Moça de carinha redonda, entre compridos cabelos. E, o que mais foi, foi um sorriso. Isso chegasse? Às vezes chega, às vezes. Artes que morte e amor têm paragens demarcadas. No escuro. Mas senti: me senti. (GSV, pp. 173-174)

Essa cena, aliás, é bastante emblemática no que concerne à disponibilidade e receptividade de Otacília, a começar pelos *compridos cabelos* que Riobaldo, mesmo na fraca luz, consegue divisar. Se considerarmos que a narrativa de Rosa é calcada em uma sociedade de feição arcaica, muito próxima daquela vivenciada no período medieval, é forçoso que levemos em conta, ao analisarmos a obra, algumas particularidades que orientavam os costumes e a mentalidade do medievo. No que concerne aos cabelos, especialmente no caso

das mulheres, a forma como são arranjados é bastante significativa e o fato de que estejam à mostra ou escondidos, atados ou desatados “é, com frequência, um sinal da disponibilidade, do desejo da entrega ou da reserva de uma mulher” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991, p. 154). Como ilustra José Rivair Macedo,

nas sociedades tradicionais, como as da Idade Média, havia certa conexão entre o tamanho, o formato e a disposição dos cabelos e regras e tabus de natureza sexual. O modo como as mulheres os dispunham podia revelar sua situação na família e na sociedade. Com frequência, às jovens solteiras era permitido trazê-los expostos e ligados por uma trança, indicação visível de sua disponibilidade para o casamento. As casadas deveriam mantê-los escondidos, discretos, ou então amarrados em duas tranças e cobertos por um toucado, véu ou chapéu, evidenciando desse modo seu compromisso conjugal. (MACEDO, 2002, p. 21).

Ainda na mesma cena, outro detalhe bastante significativo: Otacília aparece *no enquadro da janela*, e, como esclarecem CHEVALIER e GHEERBRANT (1991, p. 512), “a janela simboliza receptividade. [...] Se é quadrada, a receptividade é terrestre, relativamente ao que é enviado do céu”, o que enfatiza o traço mariano da moça, espécie de elo entre o céu e a terra. No mesmo sentido, LURKER (1997, 362) menciona que “uma janela aberta pode indicar a relação com Deus pela oração”, o que, no caso de Otacília, não só pode, como de fato indica, o que o próprio Riobaldo atesta – “Bem-querer de minha mulher foi que me auxiliou, rezas dela, graças” (GSV, p. 22).

Não poderia deixar de mencionar, ainda, outra definição trazida por LURKER – talvez a mais significativa – na qual o autor lembra que “a janela é uma abertura para a morte (Jr 9, 8-9), “escaninho da alma” (antiga crença popular), indicação do fim da vida”. Levemos em conta que, a partir da união com Otacília, Riobaldo *deixa a vida* de jagunço, para dar lugar ao proprietário de terras, chefe de família e não mais chefe de bando, ou seja, nasce o “Seo Riobaldo” enquanto *morre* o Riobaldo-Tatarana, líder entre os jagunços – “O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não sou, não quero ser. Deus esteja” (GSV, p. 166). É o fim da vida errante, portanto, dando lugar à vida assentada, fixa, voltada para a esposa e para a devoção, como já foi abordado.

É claro que à primeira vista, isto é, ao lermos a obra pela primeira vez, pode-nos parecer um tanto inverossímil que uma moça como Otacília, tão pura e recatada, tendo vivido sempre protegida no espaço da casa-de-fazenda, possa, com toda a sua (aparente) fragilidade, ter obtido êxito na conversão de Riobaldo, transformando a sua vida a tal ponto que ele deixa de ser quem era, abandona a errância e as desordens para transmutar-se em um outro, “domesticado”, pacífico, temente a Deus, “homem de bem”. Que armas, afinal, teria uma moça como aquela? Otacília, tão serena, tão cordata...

Ora, não nos enganemos! Otacília, como o próprio Riobaldo nos dá conta, “era moça direta e opiniosa, sensata mas de muita ação” (GSV, p. 209). Por essa razão, talvez, é que tenha sido justamente ela a escolhida de Riobaldo para, enfim, formar família. Afinal, Otacília possuía tudo o que já foi ilustrado anteriormente – beleza, respeito, posses – e ainda era capaz de lutar pelo amor e pela salvação de Riobaldo, diferentemente de Diadorim, que era guerreira, era empenhada, mas voltada somente para o seu projeto de vingança no qual Riobaldo mais se incluía como um instrumento do que propriamente um companheiro para a vida toda, como ele passara a aspirar.

Otacília, assim, é *mansa e delicada*, mas nem por isso frágil – idéia que pode ocorrer a quem se debruça pela primeira vez sobre a obra. Para não deixar dúvidas, é o próprio Riobaldo quem explica: “Otacília sendo forte como a paz, feito aqueles largos remansos do Urucua, mas que é rio de braveza” (GSV, p. 327). Não é por acaso, portanto, que Riobaldo reconhece nela a companheira ideal, mas exatamente por perceber que, além de lhe oportunizar a união legal e respeitável, Otacília possui força e determinação – talvez a mesma força e determinação de Diadorim, embora as duas pareçam inconciliáveis.

Toda a força contida em Otacília – devo admitir – não havia chamado a minha atenção em um primeiro momento, quando ainda lia ingenuamente – se é que é possível – a obra de Rosa. Um sem-número de leituras depois, todavia, já não podia furtar-me de buscar significações outras nas referências acerca da personagem de quem, ao longo da obra, Riobaldo vai nos dando notícia.

O senhor me ouviu. Em como Otacília e eu ficamos gostando um do outro, conversamos, combinados no noivável, e na sobremanhã eu me despedi, ela com a sua cabecinha de gata, alva no topo da alpendrada, me dando a luz de seus olhos... (GSV, p. 323)

Assim, ao ler a citação acima, por exemplo, – não sei exatamente por qual motivo – me impressionou a maneira como o jagunço se refere a Otacília *com a sua cabecinha de gata*. Inicialmente, associando o gato a um animal doméstico, imaginei que poderia ser apenas mais uma referência ao lar, ao ambiente doméstico, à tranqüilidade e tudo o mais que já mencionei com relação a Otacília, mas tal explicação não convencia a mim mesma. Resolvi procurar, então, uma explicação mais *rosiana* para o assunto e, finalmente, encontrei-a ao ler no *Dicionário de Mitologia* de SPALDING (1993, p. 47-48) a definição acerca da deusa Bastet, e que parece-me bastante apropriada à personagem Otacília, desde que observemo-la por outro viés que não apenas aquele – não menos apropriado – que a identifica com a santificada Maria. Não desdenho desta última, creio mesmo que a obra comporta essa identificação, mas que não exclui a possibilidade de analisarmos a personagem sob um outro ângulo, eis que, ao que tudo indica, Otacília é paz, mas também é força; possui características da Virgem, mas também da Gata. Vejamos, pois, a definição de SPALDING:

Deusa-gata que, na origem, era deusa-leoa. Adorada principalmente em Bubástis, no Baixo Egito, o seu templo contava centenas de efígies de bronze; algumas dessas estatuetas emprestavam ao corpo feminino da divindade uma gentil cabeça de gata; outras mostravam Bastet como gata-mãe aleitando os filhotes; outras, finalmente, a figuravam como gata-rainha, ricamente trajada e enfeitada.

Compare-se agora com a definição de Riobaldo acerca de Otacília, já mencionada anteriormente:

Otacília penteando compridos cabelos e perfumando com óleo de sete-amores, para que minhas mãos gostassem deles mais. E Otacília tomando conta da casa, de nossos filhos, que decerto íamos ter. Otacília no quarto, rezando ajoelhada diante de imagem, e já aprontada para a noite, em camisola fina de ló. Otacília indo por meu braço às festas da cidade, vaidosa de se feliz e de tudo, em seu vestido novo de molmol. (GSV, p. 393-394)

Otacília, pois, não só havia de pentear e perfumar a *cabecinha de gata*, para atrair Riobaldo, como também havia de ser a *gata-mãe aleitando* os filhotes/filhos que *decerto iam ter* e, igualmente, havia de ser a *gata-rainha, ricamente trajada e enfeitada, em seu vestido novo de molmol*.

Riobaldo mesmo “só olhava para a frente da casa-da-fazenda, imaginando Otacília deitada, rezada, feito uma gatazinha branca, no cavo dos lençóis lavados e soltos” (GSV, p. 212), como se adivinhasse que a moça, após o momento de “santidade”, ou seja, passado o momento de devoção e das devidas rezas, era também feita para o carinho, para o afago, como uma gata a ronronar a espera do afeto que ele, se seu esposo fosse, poderia livremente oferecer.

Ressalte-se que embora Riobaldo apele principalmente para traços puros e etéreos quando conta das suas impressões sobre a moça, como se mesmo santificada fosse, não deixa de notar aspectos mais terrenos, mais carnis, envolvendo a moça, o que o atrai tanto quanto as suas virtudes espirituais.

Otacília – me alembrei da luzinha de meio mel, no demorar dos olhares dela. Aquelas mãos, que ninguém tinha me contado que assim eram assim, para gozo e sentimento. O corpo – em lei dos seios e da cintura todo formoso, que era de se ver e logo decorar exato. E a doçice da voz: que a gente depois viajasse, viajasse, e não faltava frescura d’água em nenhuma todas as léguas e chapadas... Isso tudo então não era amor? Por força que era. (GSV, p. 504)

O amor que Otacília desperta, portanto, é o amor espiritual, certamente, mas que não é o único, como se pôde observar. Riobaldo a admira por seu ar beatificado, por sua devoção, mas igualmente a admira pela beleza, pelos atributos físicos, que lhe despertam, pode-se dizer, o mesmo amor carnal que sentira por Nhorinhá<sup>23</sup> e que, aliás, bem poderia ter sido a escolhida de Riobaldo, se ele, seguindo outro caminho, passasse pelo São Josezinho da Serra onde ela

<sup>23</sup> Nesse sentido, Kathrin Rosenfield, afirma que “decidindo-se pelo noivado com Otacília, Riobaldo opta menos pelo amor espiritual da moça de família pura e virgem do que pela proposta erótica e carnal eufemisticamente camuflada em palavras bem-educadas” (ROSENFELD, 2006, pp. 284-285). A autora refere-se a uma certa ambigüidade presente no diálogo entre Riobaldo e Otacília, já abordado, acerca do nome de certa flor. “Não é por acaso”, afirma Rosenfield, “que as palavras ambíguas de Otacília nas quais desponta a audaciosa proposta erótica sejam imediatamente traduzidas na linguagem livre e desimpedida de Nhorinhá: “Casa-comigo...” – Otacília baixinho me atendeu. [...] “Dorme-comigo...” Assim era que devia de haver de ter de me dizer aquela linda moça Nhorinhá. (GSV, p. 146)”.

fora viver – “Segunda vez com Nhorinhá, sabível sei, então minha vida virava por entre outros morros, seguindo para diverso desemboque. Sinto que sei. Eu havia de me casar feliz com Nhorinhá, como o belo do azul” (GSV, p. 537).

Se Diadorim hesita até o instante fatal, e se o amor por Nhorinhá – tal como sua carta – demorara a chegar até Riobaldo, é Otacília, afinal, quem o jagunço escolhe para ser a sua companheira.

Ela tinha certeza de que eu ia retornar à Santa Catarina, renovar; e trajar terno de sarjão, flor no peito, sendo o da festa de casamento. Eu fui, com o coração feliz, por Otacília eu estava apaixonado. Conforme me casei, não podia ter feito coisa melhor, como até hoje ela é minha muito companheira – o senhor conhece, o senhor sabe. (GSV, p. 619)

Finda a sua *travessia*, findo o *feitiço* que o punha atado a Diadorim, Riobaldo poderá, ao lado de Otacília, finalmente ascender ao reino dos céus e ao reino dos homens, abandonando o seu *demarcado de jagunço*, para transmutar-se em homem devoto e abastado proprietário de terras, deixando o inferno da jagunçagem para, no paraíso da Fazenda Santa Catarina, garantir a purificação e a salvação, além de conquistar o respeito e o *status* que almejava.

Riobaldo, o “jagunço-fidalgo”, após empreender verdadeira Cruzada, mostra-se ao final um cavaleiro valoroso, merecedor do grande prêmio – a donzela pura e casta que, guardada nos limites da fazenda, aguardava ansiosa para entregar-lhe o seu amor. “Otacília. O prêmio feito esse eu merecia?” (GSV, p. 174) Ao que tudo indica, mereceu.

## CONCLUSÃO

Obra densa, desafiadora e encantadora, *Grande sertão: Veredas* possibilita inúmeras pesquisas, análises e interpretações, sob os mais diversos ângulos. Assim, não foi pretensão desse trabalho esgotar as possibilidades, mas sim tão somente contribuir com algumas reflexões acerca da obra.

Procurou-se, primeiramente, auxiliar na compreensão sobre o que representava o sertão e a força viril dominante para as personagens femininas, qual era o lugar por elas ocupado, como era a relação entre homens e mulheres e por que, diferenciando-se dos demais jagunços, Riobaldo se deixa conduzir pelas mãos femininas, essenciais na sua trajetória rumo ao conhecimento e à ascensão.

Buscou-se, depois, contribuir para a análise da personagem Diadorim e o que representa, na obra, a sua feição ora divina, ora diabólica, para o narrador Riobaldo, qual sua importância na narrativa e na vida do narrador, e por que, afinal, para *Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins* não há lugar no mundo.

Igualmente, tentou-se colaborar para o entendimento sobre como a obra articula a prostituta Nhorinhá, e em que medida se distancia da noção judaico-cristã que relega a condição das prostitutas meramente à de mulheres de má vida, posição que é ultrapassada em *Grande Sertão: Veredas*, elevando a personagem a um patamar praticamente sagrado.

Finalmente, tentou-se contribuir para a compreensão da opção de Riobaldo que, entre os seus diversos amores, elegeu a personagem Otacília, a “mocinha de fazenda”, casta e pura, como a companheira a quem consagraria a vida.

O que se verificou, ao final, é que, embora aparentemente distanciadas, as mulheres que integram a tríade do amor riobaldiano, guardam semelhanças, além do amor pelo jagunço; acabam, assim, determinando uma verdadeira comunhão do elemento feminino na trajetória do narrador.

Com efeito, Riobaldo não ama uma de cada vez, mas, sim, as três em conjunto, ao mesmo tempo, como se uma estivesse intimamente conectada à outra e, em certa medida, não é de todo errado afirmar que seus destinos estão interligados, de vez que todas operam, à sua maneira, para um mesmo fim, que é conduzir Riobaldo rumo ao conhecimento do mundo e de si mesmo, entendendo à vida à sua volta, na tentativa de entender e organizar a própria. Como afirma RONCARI (2004, p. 257),

Riobaldo vive os três paradigmas amorosos simultaneamente. Ele ama Nhorinhá, Diadorim e Otacília *ao mesmo tempo* e não numa sucessão que o levasse pelo caminho da sublimação, ultrapassagem e transcendência.

Mesmo ao final, quando já elegera Otacília para ser a sua esposa, não se desapega Riobaldo de seus outros amores, que ele sente necessidade de reviver, ainda que apenas através do lembrar e do contar.

O feminino, pois, que conduziu o narrador à ascensão e à redenção, não se resume à personagem com quem, ao final, ele desfruta dos “terres e haveres” materiais e espirituais, mas é resultado do todo, da braveza de Diadorim, que lhe abriu as portas do conhecimento – para o bem ou para o mal –, da alegria de Nhorinhá, que lhe restaurou, de certa forma, o encontro com o feminino, bem como a devoção de Otacília, cujo amor e rezas resgataram o pactário para converter em “homem de bem”, vivendo para a paz, a devoção e o amor.

*Grande Sertão: Veredas* é a história de Riobaldo, e conta a sua trajetória como homem, mas é, igualmente, a história de Diadorim, Nhorinhá e Otacília, contando a realização dessas mulheres.

E, se Guimarães disse em seu discurso de posse na Academia que “as pessoas não morrem, ficam encantadas”, devo acrescentar que também ele, Guimarães, não morreu, ficou encantando, assim como sua obra que, não por acaso, traz o símbolo do infinito, o que importa dizer que, uma vez iniciada a “travessia”, uma vez que se adentre sem reservas nas suas veredas, há de se voltar sempre, (re) visitando suas páginas um sem-número de vezes, eternamente. A estória, pois, não se acabou – travessura de Guimarães Rosa – e a estória não se acaba. Enquanto o livro nos possuir, a estória é inacabada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Bíblia Sagrada – Edição da palavra viva.* São Paulo: Stampley Publicações Ltda., 1974.

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. *As deusas, as bruxas e a Igreja: séculos de perseguição.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2001.

BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental.* Rio de Janeiro: ed. 34, 1995.

CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos.* São Paulo: Duas Cidades, 1977.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos.* Ed. Revista e aumentada. Tradução: Vera da Costa e Silva... [et al.] 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

DACANAL, José Hildebrando. *Grande sertão: veredas – guia de leitura.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

\_\_\_\_\_. *Nova narrativa épica no Brasil.* 2ªed. Revista e ampliada. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

\_\_\_\_\_. Grande sertão: veredas – a obra, a histórica e a crítica. In: \_\_\_\_\_. *Era uma vez a literatura...* Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995. p. 37–55.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *História das mulheres no ocidente. Vol.2: A Idade Média.* Porto: Edições Afrontamento, 1990.

DUBY, Georges. *Damas do século XII: a lembrança dos ancestrais.* Tradução Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do estado e civilização.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol. 2, 1993.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol. 1, 1994.

GARBUGLIO, José Carlos. *O mundo movente de Guimarães Rosa*. São Paulo: Ática, 1972.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum* (O martelo das feiticeiras). Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1991. 7ª edição.

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. Tradução de Mário Krauss e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. 5ª ed. – revista e ampliada. São Paulo: Contexto, 2002.

MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992.

NUNES, Benedito. *O Dorso do Tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. Don Riobaldo do Urucuia, Cavaleiro dos Campos Gerais. In: COUTINHO, Eduardo F. (org.). *Guimarães Rosa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.p. 310-320.

RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder*. São Paulo: UNESP, 2004.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. *Desenveredando Rosa. A obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

\_\_\_\_\_. *Grande sertão: veredas – Roteiro de leitura*. São Paulo: Ática, 1992.

ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média*. Tradução Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de Mitologia (Egípcia, sumeriana, babilônica, fenícia, hurrita, hitita e celta)*. São Paulo: Cultrix, 1993.

SPERBER, Suzi Frankl. *Guimarães Rosa: signo e sentimento*. São Paulo: Ática, 1982.